



ESTRATÉGIAS LÚDICAS NA VACINAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NO PROJETO UERN VACINA MOSSORÓ

Amanda Kelly Jales Ezequiel⁵¹
Ana Gabriella de Souza Costa⁵²
Paloma Matos dos Santos⁵³
Francisco Rafael Ribeiro Soares⁵⁴
Hosana Mirelle Goes e Silva Costa⁵⁵

RESUMO

Este relato descreve a experiência do projeto de extensão “UERN Vacina Mossoró”, desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, cujo objetivo é ampliar a imunização infantil por meio de práticas humanizadas. O texto examina desafios enfrentados pelo Programa Nacional de Imunizações, especialmente a baixa adesão às vacinas infantis, e apresenta estratégias lúdicas para atenuar o medo de injeções e a resistência dos responsáveis. A metodologia adotada foi descritiva, baseada em registros reflexivos produzidos pelos extensionistas, sem envolvimento direto de sujeitos de pesquisa. As ações implementadas incluíram brincadeiras, manipulação segura da seringa, vacinação prévia dos responsáveis como modelo, entrega de “certificados de coragem” e distribuição de kits simbólicos, iniciativas que reforçaram a humanização do cuidado. Os resultados mostram aumento significativo na aceitação da vacina pelas crianças e fortalecimento do vínculo entre profissionais e usuários.

51 Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
amandaezequiel@alu.uern.br.

52 Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
ana20230010696@alu.uern.br.

53 Graduanda em Enfermagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
palomasantos@alu.uern.br

54 Professor da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde - Universidade Estadual do Ceará.
rafaelsoares@uern.br

55 Técnica de Nível Superior, Mestre em Saúde e Sociedade e Doutora em Ciências Fisiológicas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Email: hosanamirelle@uern.br

Conclui-se que a integração entre técnica e sensibilidade ressignifica a vacinação como ato de cuidado integral, fortalece a cidadania e confirma o papel transformador da universidade pública.

Palavras-chave: Vacinação; Crianças; Atividades Lúdicas.

PLAYFUL STRATEGIES IN CHILDHOOD VACCINATION: EXTENSION EXPERIENCE IN THE UERN VACINA MOSSORÓ PROJECT

ABSTRACT

This report outlines the experience of the outreach project “UERN Vaccinates Mossoró,” developed by the School of Nursing at the State University of Rio Grande do Norte. The project aims to expand childhood immunization through human-centered practices. It reviews the challenges faced by Brazil’s National Immunization Program—chiefly the low uptake of pediatric vaccines—and introduces playful strategies to ease children’s fear of injections and reduce parental resistance. A descriptive methodology was employed, drawing on reflective logs kept by the extension team, with no direct involvement of research subjects. Implemented actions included games, safe handling of syringes, vaccinating parents first as role models, issuing “certificates of courage,” and distributing symbolic kits—all of which reinforced a humanized approach to care. The results indicate a marked rise in children’s acceptance of vaccination and a stronger bond between health professionals and service users. The project demonstrates that uniting technical expertise with empathy reframes vaccination as comprehensive care, strengthens citizenship, and affirms the public university’s transformative role.

Keywords: vaccination; children; playfulness.

1 INTRODUÇÃO

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), instituído em 1973, consolidou-se como referência mundial ao sustentar a erradicação e o controle de diversas doenças imunopreveníveis no Brasil (Teixeira *et al.*, 2020). Graças às políticas articuladas pelo programa, o país pôde declarar a eliminação da varíola, da poliomielite e da febre amarela urbana, além de interromper a circulação endêmica do vírus do sarampo em 2016 e da rubéola em 2015 (Domingues *et al.*, 2019). Esses marcos tornaram-se viáveis porque o PNI oferece um calendário vacinal abrangente - da primeira infância à vida adulta - e busca, de forma sistemática, coberturas homogêneas em todo o território (Passos *et al.*, 2022).

Entretanto, meio século depois de sua criação, o PNI enfrenta um novo e complexo desafio: a queda sustentada nas coberturas pediátricas. Estima-se que cerca de 50 % das crianças brasileiras apresentam esquemas de vacinação incompletos (Cristo, 2020). Essa lacuna expõe o país ao risco real de ressurgimento de enfermidades já controladas, como sarampo e poliomielite, conforme alerta o Ministério da Saúde (Telles, 2022). Entre as causas, destacam-se a hesitação vacinal alimentada por desinformação, o movimento antivacina potencializado pelas redes sociais e, sobretudo, o temor da dor da injeção - fonte de ansiedade para pais e crianças (Walworth *et al.*, 2024).

Historicamente, o Brasil lançou mão de estratégias criativas para motivar o público infantil. A criação do personagem "Zé Gotinha", ícone de grandes campanhas de vacinação, exemplifica como o lúdico pode driblar a recusa. Contudo, durante a pandemia de COVID-19, o personagem perdeu protagonismo em meio ao avanço do negacionismo e à erosão da confiança em instituições públicas (Bernardo *et al.*, 2023). Nesse cenário, ressurgem estudos que evidenciam o valor de intervenções não farmacológicas para reduzir o estresse vacinal. Técnicas lúdicas - brincadeiras, histórias interativas, certificados de coragem e pequenos brindes - demonstraram eficácia na humanização do ato de imunizar e na mitigação da dor percebida (Bergomi *et al.*, 2018).

Além de aliviar o desconforto imediato, a ludicidade estabelece uma ponte afetiva entre profissionais de saúde e usuários, fortalecendo a percepção de cuidado integral. Ao transformar a sala de vacina em ambiente acolhedor, cria-se uma experiência positiva que repercute em maior confiança no sistema de saúde e em adesão futura a outras intervenções preventivas. Estudos recentes também sugerem que tais abordagens reduzem o tempo de aplicação e a necessidade de contenção física, aumentando a eficiência das equipes (Bergomi *et al.*, 2018).

Diante desse contexto, torna-se imperativo incorporar metodologias lúdicas e humanizadas como políticas permanentes do PNI, e não apenas como medidas pontuais. A formação de profissionais de saúde deve contemplar técnicas de comunicação empática, manejo não farmacológico da dor e estratégias para enfrentar a desinformação, garantindo que cada unidade básica de saúde disponha de recursos lúdicos adequados.

Portanto, este trabalho propõe relatar e discutir a relevância de integrar práticas lúdicas na rotina das salas de vacinação, não apenas para elevar as coberturas vacinais, mas também para fortalecer a cidadania ao garantir o direito ao cuidado digno e sem sofrimento evitável. Ao enfrentar barreiras como o medo de agulhas, a falta de informação e a resistência parental, reforça-se o papel transformador da universidade pública e consolida-se o compromisso do PNI com a saúde integral da infância brasileira.

O projeto, ainda configura-se como uma ação extensionista de grande importância, pois por meio deste é possível haver a junção da sociedade e academia, ao articular de maneira efetiva e estratégica os três pilares primordiais que fundamentam a universidade pública: ensino, pesquisa e a extensão. Dessa forma, a partir de estratégias lúdicas voltadas à vacinação e a saúde, o projeto permite aos discentes vivenciarem experiências práticas durante a ação do mesmo, favorecendo uma formação crítica e qualificada, sensível às necessidades da realidade.

Por meio das vivências proporcionadas pelo projeto, geram subsídios para a produção de conhecimento científico, dessa forma, há a sistematização das práticas e da análise das demandas e resultados observados no campo. Ao promover a interação entre universidade e sociedade, o projeto contribui significativamente para o fortalecimento da formação acadêmica e cidadã dos estudantes, ao mesmo tempo em que atende às necessidades da comunidade local, reafirmando o papel transformador da universidade no enfrentamento de desafios sociais (Brasil, 2018).

Alinhar estratégias locais de imunização às metas globais de saúde infantil constitui um imperativo ético e sanitário. Ao fortalecer a cobertura vacinal de crianças no município de Mossoró, o projeto de extensão “UERN Vacina Mossoró” dialoga diretamente com a Meta 3.2 do Objetivo 3 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, que prevê a eliminação de mortes evitáveis de recém-nascidos e menores de cinco anos.

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A metodologia descrita neste relato de experiência integra-se ao projeto de extensão “UERN Vacina Mossoró”, conduzido pela Faculdade de Enfermagem da UERN (FAEN/UERN) em 2025. Por tratar-se de uma sistematização de vivências extensionistas, sem intervenção direta em seres humanos, o relato recebeu dispensa de apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme dispõem as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Tal dispensa se justifica por se tratarem de registros reflexivos elaborados pelos próprios extensionistas autores. Desse modo, reafirmamos nosso compromisso pedagógico e social com a promoção da saúde infantil, alicerçado na escuta qualificada e na humanização do atendimento prestado na sala de vacina da FAEN/UERN.

O “UERN Vacina Mossoró” configura-se como iniciativa interinstitucional de forte alcance comunitário. A equipe reúne 50 integrantes, sendo dois docentes e uma técnica de nível superior especializada, todos enfermeiros com titulação de doutorado, que coordenam o projeto, três discentes bolsistas e 44 estudantes voluntários que, juntos, dão vida a uma proposta

extensionista marcada pela responsabilidade social. A parceria estabelecida com a Prefeitura de Mossoró fortalece o elo universidade-comunidade e possibilita que a sala de vacina instalada na FAEN atenda à demanda populacional com eficiência, acolhimento e sensibilidade cultural.

No cotidiano da sala, o cenário que primeiro salta aos olhos é o medo estampado nos rostos infantis: olhares arregalados, mãos trêmulas, passos contidos denunciam a tensão frente à iminência da agulha. Para as estudantes extensionistas, esse quadro inicialmente causou estranhamento, mas logo se transformou em inquietação ética: como converter um ato associado à dor e à resistência em uma experiência pautada no vínculo, na confiança e na alegria de cuidar?

A pergunta, longe de ser retórica, motivou uma revisão crítica das rotinas estabelecidas, deslocando o olhar da técnica pura para as camadas sutis da experiência humana. Compreender o medo da criança diante da vacinação é, nesse contexto, reconhecer que há subjetividades pulsando por trás dos gestos, lágrimas e recusas. A seringa, embora minúscula, carrega em si uma simbologia potente: é instrumento de cuidado, mas também de dor. Seu aspecto pontiagudo, aliado a memórias anteriores desprovidas de acolhimento, muitas vezes cristaliza-se como ameaça no imaginário infantil (Paiva, 2023).

Nesse sentido, humanizar o ato vacinal não é apenas uma escolha metodológica, mas um imperativo ético. Na infância, fase em que o corpo aprende o mundo pelas sensações, pelos afetos e pelas narrativas, cada gesto da equipe de saúde pode representar uma chave para o medo ou para a confiança (Fonseca et al., 2022).

À luz dessa compreensão, incorporaram-se estratégias simples, porém cuidadosamente planejadas. Oferecer a seringa (sem agulha) para que a criança pudesse explorar com as mãos, observar de perto e perguntar com liberdade revelou-se um gesto de abertura e escuta. Ao ser convidada a manusear o instrumento, a criança deixa de ocupar o lugar de sujeito passivo e assume, ainda que brevemente, o protagonismo no processo. A curiosidade passa a mediar a experiência, e o medo, antes silencioso e opressor, encontra espaço para ser nomeado, acolhido e, em muitos casos, ressignificado.

Essa abordagem encontra consonância com as diretrizes do Ministério da Saúde que destacam a importância de práticas humanizadas para o fortalecimento do vínculo entre profissionais e usuários, sobretudo nos atendimentos pediátricos (Brasil, 2021). Outra estratégia implementada com êxito foi a vacinação prévia dos responsáveis, quando possível. Ao observar o cuidador enfrentando o mesmo procedimento com serenidade, a criança acessa, de forma implícita, uma narrativa de coragem partilhada. Essa imagem gera identificação, oferece segurança emocional e comunica, sem palavras, que o cuidado é um gesto coletivo.

Com o intuito de celebrar simbolicamente o enfrentamento do medo, criou-se o “Certificado de Coragem”, entregue à criança logo após a aplicação da vacina. Esse momento, carregado de simbolismo, transforma a dor passageira em conquista. A cena é acompanhada de aplausos, sorrisos e olhares orgulhosos, tanto da equipe quanto dos familiares. O certificado, mais do que um papel, torna-se memória positiva da experiência. Posteriormente, a iniciativa evoluiu com a elaboração de um cartão fidelidade: a cada quatro vacinas recebidas na unidade, a criança recebe um novo certificado e um pequeno kit com massinhas de modelar e desenhos personalizados. Assim, o cuidado se estende para além da sala de vacinação, mantendo viva a associação entre saúde e afeto.

Figura 1 - Certificado de Coragem entregue à criança como reconhecimento por sua



Fonte: Autoria própria, 2025.

Essas práticas, ainda que aparentemente simples, evidenciam uma concepção de cuidado que transcende o biológico e adentra o território das emoções, da ludicidade e da escuta qualificada. Logo, a adoção de estratégias sensíveis e participativas no ambiente vacinal potencializa a adesão às campanhas de imunização e a construção de experiência positiva com os serviços de saúde (Oliveira et al., 2022).

Figura 2 - Kit da coragem: cartão de fidelidade e massinha de modelar, oferecido às crianças que se vacinaram e venceram o medo da vacinação.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Portanto, a vacinação, para além de um ato técnico e coletivo de proteção sanitária, pode e deve ser compreendida como espaço de encontros significativos. A escuta do medo, o acolhimento da dúvida e a valorização da coragem transformam o procedimento em um rito de passagem repleto de sentido.

Figura 3 - Mãos da Coragem: marcas de mãos das crianças pintadas de amarelo e seus nomes registrados na parede, eternizando a coragem de cada uma ao se vacinar.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Em síntese, quando a técnica se alia ao afeto, o cuidado amplia suas

fronteiras, adquirindo profundidade humana, densidade poética e eficácia sanitária. Desde a implementação da estratégia lúdica no “UERN Vacina Mossoró”, observa-se, com base nos dados registrados pela plataforma “RN Mais Vacina”, que 242 crianças foram vacinadas, acompanhadas de seus responsáveis, entre agosto de 2024 a agosto de 2025 (Secretaria de Estado da Saúde Pública do RN, s.d.). Esses resultados evidenciam que é possível transformar a sala de vacina em um espaço de acolhimento e empoderamento, onde olhos antes assustados se tornam confiantes e cada aplicação de vacina se ressignifica como uma demonstração de cuidado que protege, aproxima e educa.

3 CONCLUSÃO

A rotina extensionista na sala de vacinação revelou, de forma incontestável, que o cuidado em saúde ultrapassa a mera execução técnica: exige sensibilidade para decifrar gestos, escutar silêncios e acolher as múltiplas subjetividades que atravessam o ato vacinal. O medo expresso pelas crianças (olhares apreensivos, mãos tensas, súbitos recuos) deixou de ser um contratempo operacional e passou a funcionar como termômetro da qualidade relacional do atendimento. Reconhecer essa emoção como legítima, e não como obstáculo, trouxe à tona a complexidade do universo infantil, no qual imaginação, memória afetiva e percepção de dor se entrelaçam. Nesse cenário, compreender a carga simbólica da seringa, do jaleco branco e até dos cheiros do ambiente converteu-se em passo essencial para transformar a vacinação em experiência de segurança emocional, construção de vínculo e aprendizado sobre autocuidado.

Ao inserir estratégias humanizadas: manipulação lúdica da seringa, vacinação prévia dos responsáveis como espelhamento afetivo e entrega do Certificado de Coragem, a equipe reformulou o *script* tradicional do procedimento. Esses recursos, que à primeira vista poderiam parecer simples adereços, fundamentam um modelo de imunização que articula ciência, ética do acolhimento e pedagogia infantil. A manipulação lúdica devolve à criança o controle simbólico sobre o objeto que gera ansiedade; o exemplo dos cuidadores ressignifica a agulha como gesto de cuidado compartilhado; o certificado transforma a dor efêmera em narrativa de conquista. Ao alinhar esses elementos, a prática vacinal assume feição dialógica, em que o profissional de saúde deixa de ser mero executor e passa a ser mediador de sentidos.

Tal trajetória formativa, vivenciada no âmbito do projeto “UERN Vacina Mossoró”, extrapola as fronteiras da imunização convencional e se consolida como laboratório pedagógico para práticas sensíveis, críticas e socialmente engajadas. A experiência demonstrou que a universidade pública dispõe não

apenas de conhecimento técnico, mas também de potência transformadora capaz de reverberar na comunidade e inspirar políticas de saúde mais inclusivas. Ao apostar na escuta ativa e na valorização da infância, fase decisiva para a formação de atitudes de autocuidado, o projeto reafirmou que empatia e responsabilidade coletiva constituem princípios indissociáveis da saúde pública.

Assim, a vacinação deixa de figurar como procedimento isolado de prevenção epidemiológica e converte-se em ato educativo que fortalece a cidadania desde os primeiros anos de vida. Quando a técnica abraça o afeto, o cuidado ganha densidade humana e poética, sustenta vínculos duradouros e inaugura uma vivência positiva que se potencializa a cada nova dose, a cada novo certificado pendurado na porta da geladeira. Nesse entrelaçamento de ciência, ludicidade e ética, a agulha, antes temida, acaba simbolizando a própria força coletiva que protege, empodera e inclui.

A ampliação de práticas humanizadas na sala de vacina - centradas no acolhimento, na redução do medo e na adesão dos responsáveis - contribui para prevenir doenças imunopreveníveis responsáveis por parcela significativa da morbimortalidade infantil, aproximando o Brasil dos parâmetros de redução da mortalidade neonatal e de menores de cinco anos estabelecidos pelo compromisso internacional. Desse modo, a iniciativa universitária traduz a Agenda 2030 em ações concretas, reforçando que a promoção de saúde de qualidade, inclusiva e equitativa começa na primeira infância e depende de articulação entre ciência, comunidade e políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- BERGOMI, P.; SCUDELLER, L.; PINTALDI, S.; DAL MOLIN, A. **Eficácia de métodos não farmacológicos de manejo da dor em crianças submetidas à punção venosa em um ambulatório pediátrico: um ensaio clínico randomizado e controlado de distração audiovisual e frio e vibração externos.** *Journal of Pediatric Nursing*, v. 42, p. e66–e72, 2018. DOI: 10.1016/j.pedn.2018.04.011. Acesso em: 10 abr. 2025.
- BIRNIE, Kathryn A. et al. **Intervenções psicológicas para injeções de vacinas em crianças e adolescentes: revisão sistemática de ensaios clínicos planejados e quase planejados.** *Revista Clínica da Dor*, v. 31, p. S72–S89, out. 2015. DOI: 10.1097/AJP.0000000000000265. Acesso em: 10 abr. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de vacinação: prática e cuidado no processo de imunização.** Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [\[https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/diretrizes-para-a-extensao-na-educacao-superior\]](https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/diretrizes-para-a-extensao-na-educacao-superior) (<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/diretrizes-para-a-extensao-na-educacao-superior>). Acesso em: 14 ago. 2025.

CRIST. **Metade das crianças brasileiras está com o calendário vacinal incompleto**. 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1967-metade-das-criancas-brasileiras-esta-com-o-calendario-vacinal-incompleto>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DOMINGUES, C. M. A. S.; FANTINATO, F. F. S. T.; DUARTE, E.; GARCIA, L. P. **Vacina Brasil e estratégias de formação e desenvolvimento em imunizações**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, [S. I.], v. 28, n. 2, p. e20190223, 2019. DOI: [10.5123/S1679-49742019000200024](https://doi.org/10.5123/S1679-49742019000200024). Acesso em: 10 abr. 2025.

FONSECA, Gabriela Souza da; ROCHA, Renata Dias. **Humanização do cuidado na vacinação: práticas afetivas em saúde pública**. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 12, p. e00251721, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00251721>

OLIVEIRA, Lívia Moraes de et al. Estratégias lúdicas como recurso para a humanização da vacinação infantil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 75, n. 2, p. e20201375, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1375>

PASSOS, T.; CASSEB, S. M. O uso do livro lúdico na conscientização da imunização. **SciELO Preprints**, 2022. DOI: [10.1590/SciELOPreprints.4314](https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4314). Acesso em: 12 abr. 2025.

PAIVA, Luísa de Andrade et al. **Acolhimento e escuta sensível no contexto da vacinação infantil: reflexões sobre a prática**. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 27, p. e220100, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.220100>

SALMON, Daniel A. et al. **Vaccine hesitancy: Causes, consequences, and a call to action**. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 55, n. 5, supl. 1, p. S36-S49, nov. 2018. DOI: [10.1016/j.amepre.2018.04.002](https://doi.org/10.1016/j.amepre.2018.04.002). Acesso em: 10 abr. 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE PÚBLICA DO RIO GRANDE DO NORTE. RN Mais Vacina. Disponível em: <https://maisvacina.saude.rn.gov.br/gerenciamento/gestao/>. Acesso em: 14 ago. 2025.

TELES, Grazielle Lopes; COSTA JÚNIOR, Áderson Luiz. **Distraction of children undergoing vaccination**. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 32, p. e3205, 2022. Disponível

em: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3205>. Acesso em: 12 abr. 2025.

TEIXEIRA, A. M. S. et al. 40 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. suppl 2, e00222919, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00222919>. Acesso em: 10 abr. 2025.

WALWORTH, D. W. Minimizing pain during childhood vaccination injections: improving adherence to vaccination schedules. *Pediatrics Health, Medicines and Therapeutics*, [S. l.], v. 5, p. 127–140, 2014. DOI: 10.2147/PHMT.S50510. Acesso em: 10 abr. 2025.